



■
galeria
■ marco ■
zero
■

Advânio Lessa

Tanto a sua terra de origem, marcada pela herança quilombola, quanto os ofícios de seus pais (tropeiro e cesteira), são partes fundamentais do universo que irriga a poética de Advânio Lessa. Realizando esculturas de grandes e médias escalas a partir de troncos de madeira de árvores mortas, raízes e trançados de cipó, o artista vincula os conhecimentos da cestaria e da marcenaria com as madeiras e fibras encontradas nas matas da região de Ouro Preto: Cipó Alho, Cipó São João, Candeia, Jacarandá, Folha Miúda e Alecrim. É em estreito diálogo com esse repertório que Lessa, que também é agricultor, realiza suas esculturas. Neste sentido, não é enganoso afirmar que a natureza aqui é uma espécie de co-autora de suas obras.

A produção do artista ganha o mundo munida, a um só tempo, de uma intensa eloquência formal e de uma relevante conotação discursiva. Suas esculturas, cujas escalas ora se aproximam, ora se sobrepõem àquelas do corpo humano, atestam uma relação de reciprocidade entre nós e tudo aquilo que é vivo ao nosso redor. Assim sendo, ressoam uma tendência importante da atualidade: no lugar de epistemologias caras a um modo Ocidental de conceber o mundo, para as quais nós humanos estamos sempre em posição superior, entram em cena cosmologias onde testemunha-se uma relação não hierárquica entre todos os seres vivos.

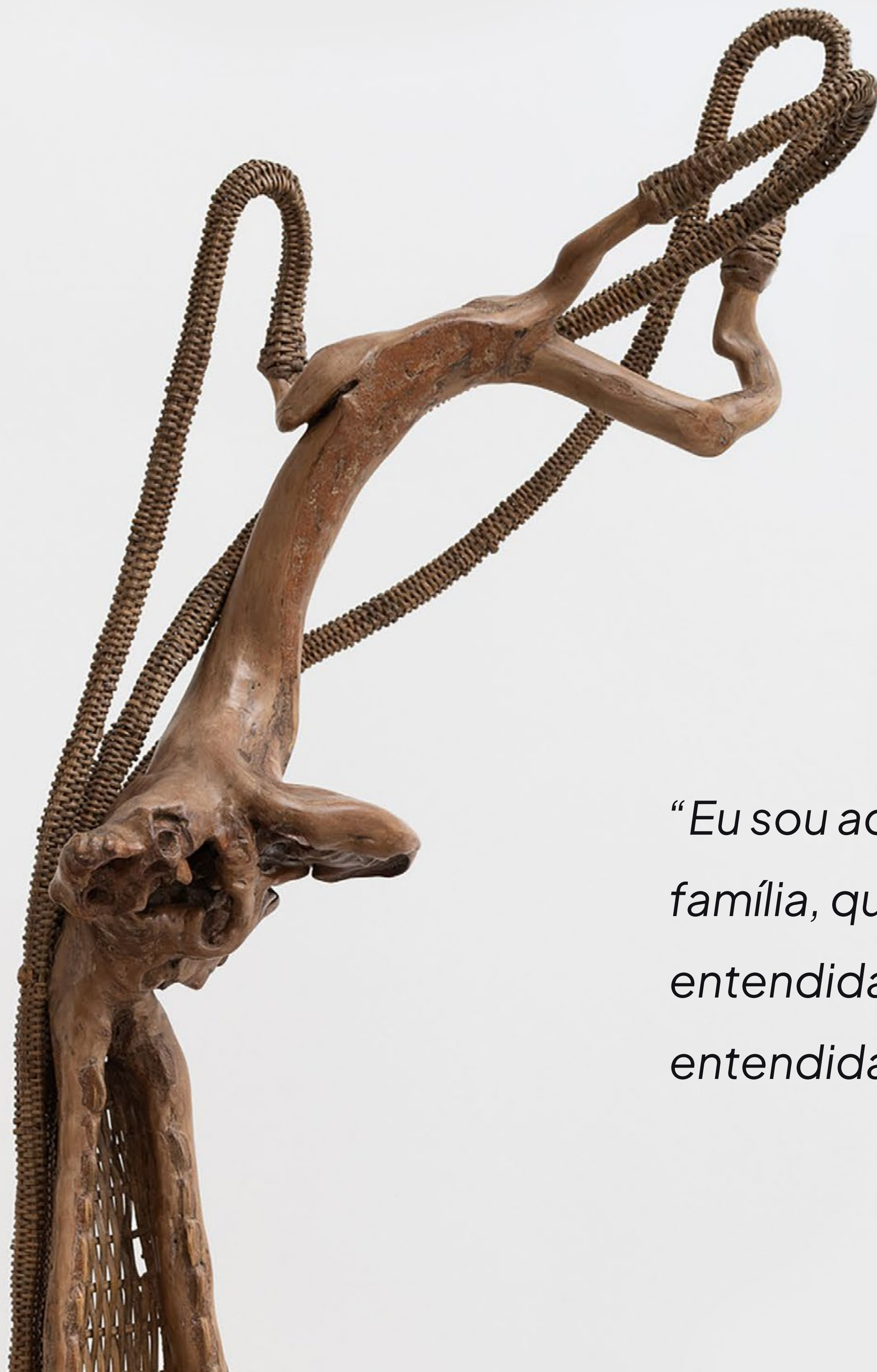
O trabalho de Advânio Lessa foi apresentado, entre individuais e coletivas, em instituições como o

Espaço Cultural CEFET – Ouro Preto (Ouro Preto, Brasil, 1998); Galeria Clélia Valadares (Belo Horizonte, Brasil, 2008); Galeria da FIEMG (Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais, Ouro Preto, Brasil, 2010); Galeria Graphos Brasil (Rio de Janeiro, Brasil, 2013); Museu Afro Brasil (São Paulo, Brasil, 2013); Fundação Clóvis Salgado – Palácio das Artes (Belo Horizonte, Brasil, 2015); IA – Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto e Museu da Inconfidência, com curadoria de Valquíria Prates (Ouro Preto, Brasil, 2023); *Advânio Lessa: Redemoinho não leva pilão* – Galeria Gomide&Co (São Paulo, Brasil, 2024); *Histórias da Ecologia*, MASP (São Paulo, Brasil, 2025), entre muitas outras. Sua obra compõe o acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo (São Paulo, Brasil).





Sem título, da série Nascimento, 2010 - 2015
cera de carnaúba sobre raízes, madeira e cipó
245 x 74 x 53 cm
GMZ.0611

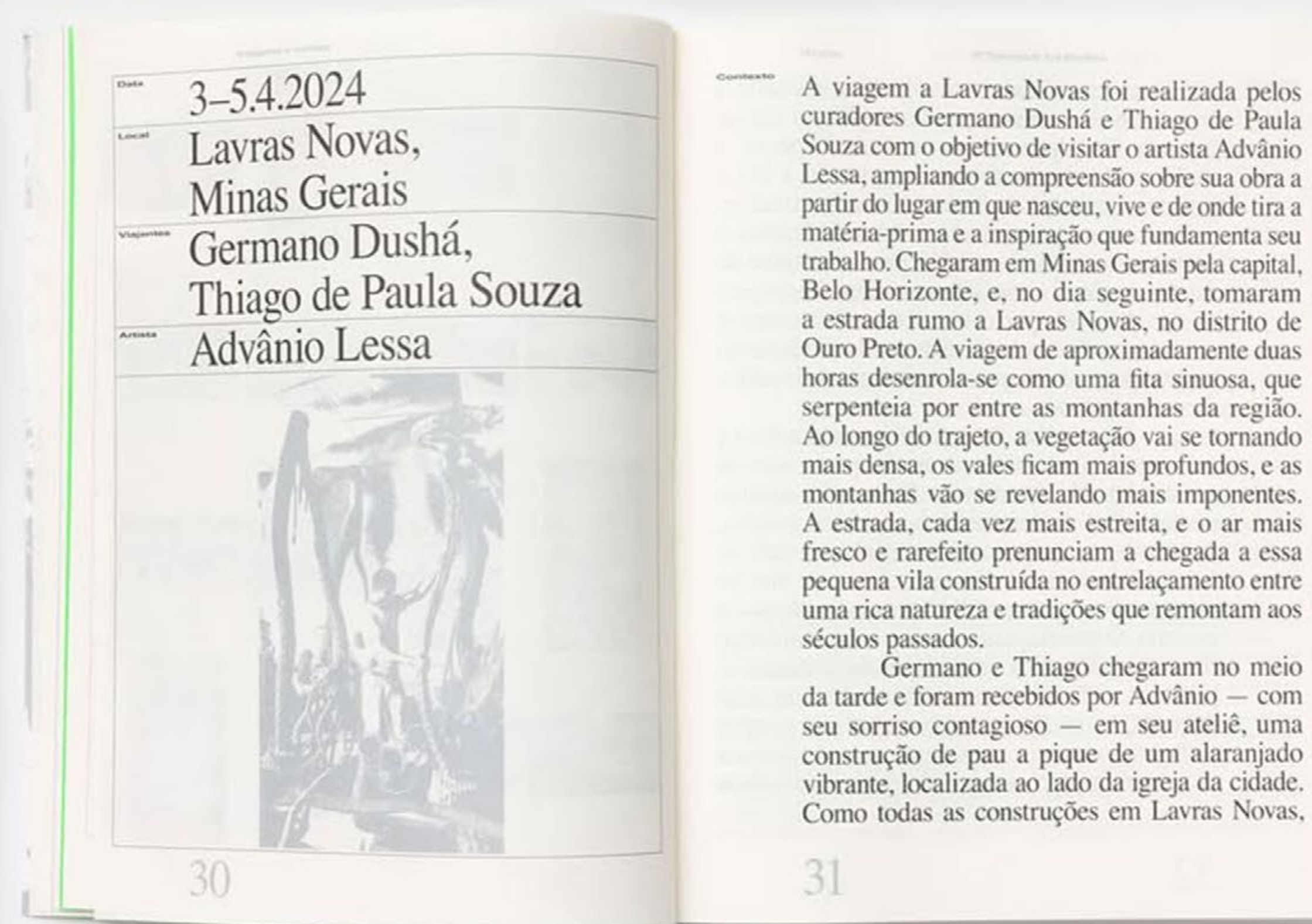


“Eu sou aqui a quarta geração da minha família, que é família de tropa, que é entendida do mato, e família de cestaria, entendida da trama.”

— Advânio Lessa



Vista da exposição 38º Panorama da Arte Brasileira: Mil graus, MAM-SP, São Paulo, 2024





Sem título, da série Nascimento, 2010-2015
cera de carnaúba sobre raízes, madeira e cipó
277 x 55 x 25 cm
GMZ.0612







Vista da exposição 38º Panorama da Arte Brasileira: Mil graus, SESC Campinas, São Paulo, 2025



Sem título, da série Nascimento, 2010 - 2015
cera de carnaúba sobre raízes, madeira e cipó
173 x 86 x 51 cm
GMZ.0616



Sem título, da série Nascimento, 2010-2015
cera de carnaúba sobre raízes, madeira e cipó
210 x 83 x 41 cm
GMZ.0613





Vista da exposição *A forma do fim: esculturas do acervo da pinacoteca*, Pinacoteca de São Paulo, 2024



Advânio Lessa na exposição *A forma do fim: esculturas do acervo da pinacoteca*, Pinacoteca de São Paulo, 2024



Sem título, 2025

cestaria com cipó, raiz de árvore, cola, pó de serra e cera de carnaúba

280 x 90 x 55 cm

GMZ.1500





Vista da exposição *Em busca do tempo roubado*, Flexa Galeria, Rio de Janeiro, 2025



Sem título, da série Nascimento, 2010 - 2015
cera de carnaúba sobre raízes, madeira e cipó
221x92x32 cm
GMZ.0615



Advânio Lessa na exposição *O veio das coisas*, Pierro Atchugary Gallery, Garzón, Uruguai, 2025



Sem título, da série Nascimento, 2010 - 2015
cera de carnaúba sobre raízes, madeira e cipó
204 x 61,5 x 58 cm
GMZ.0609







Vista da exposição *Redemoinho não leva pilão*, Gomide&Co., São Paulo, 2025



Sem título, 2025

cestaria com cipó, raiz de árvore, cola, pó de serra e cera de carnaúba

270 x 37 x 23 cm

GMZ.1932

Para o artista, o pilão pode ser uma metáfora dos processos de educação e do poder transformador do gesto e do pensamento intencional humano, que poder reparar, transformar e restaurar o que já foi – e segue sendo – muito oprimido, violentado, explorado, ameaçado e desafiado em suas potências de vida. Lessa costuma dizer que, em seus processos de educação com a arte e a terra, “gosta de conversar e aprender com as histórias dos minerais, insetos e animais que coexistiram temporariamente com os materiais que usa em suas obras nas camadas abaixo da terra, sobre ela e debaixo das estrelas e planetas que estão sendo com a gente, nessa vida.

— Valquíria Prates, 2024

Curadora da exposição *“Redemoinho não leva pilão”*



Sem título, da série Nascimento, 2010-2015
cera de carnaúba sobre raízes, madeira e cipó
221x92x32 cm
GMZ.0614





Sem título, da série Nascimento, 2010-2015
cera de carnaúba sobre raízes, madeira e cipó
250 x 64 x 45 cm
GMZ.0618





Sem título, 2025

cestaria com cipó, raiz de árvore, cola, pó de serra e cera de carnaúba

276 x 45 x 20

GMZ.1933







Vista da exposição *Se quiser saber do fim, preste atenção no começo*, Semana de Arte Contemporânea de Ouro Preto, 2023



Sem título, s.d.

cera de carnaúba, madeira

291x Ø 0,65 cm

GMZ.1407



Sem título, da série Nascimento, 2025

cestaria com cipó, raiz de árvore, cola, pó de serra e cera de carnaúba

220 x 50 x 47 cm

GMZ.1501



“Eu acho maravilhoso, por exemplo, o misto da agricultura sintrópica com a agrofloresta. O compasso da vida, igual a natureza trabalha. A obra tem isso, um desenho do circuito natural.”

— Advânio Lessa



Sem título, 2024

raízes, madeira, cipó e serragem

185 x 79 x 50 cm

GMZ.1087



Vista da exposição *Affirmation Room*, Mendes Wood DM, Nova York, 2026

“Com meus pais aprendi a essência da natureza. Com o meu pai, vi a natureza bruta; com minha mãe, pude modular essa natureza bruta.”

— Advânio Lessa





Sem título, 2024

raízes, madeira, cipó, serragem, penas e caneta bico de pena

185 x 190 x 45 cm







Sem título, 2024
raízes, madeira, cipó e serragem
230 x 64 x 50 cm





Sem título, da série Nascimento, 2010-2015
cera de carnaúba sobre raízes, madeira e cipó
114 x 76 x 45 cm
GMZ.0619

O processamento da matéria-prima é muito interessante. Ele me dá a possibilidade de compreender a energia da modificação, que é o processo de fusão de vários elementos, mas dá também o calor ou a frieza das relações entre as matérias. E o que tenho percebido se aplica a todas essas relações entre as matérias brutas e matérias processadas, sejam elas quais forem. Por exemplo, diante desse mundo das plantas: uma árvore, que já passou por um processo daquela existência e caiu e está se tornando matéria orgânica, que é aquele luto cheio de microorganismos.



Vista do estande da Galeria Marco Zero na SP-Arte, São Paulo, 2025



De galhos e cipós emergem a materialidade, a formatividade e a visualidade das esculturas e instalações de Advânio Lessa, as quais, pelo protagonismo de suas linhas, se aproximam do desenho. A cestaria oferece não só uma estética para sua obra, como também a ética de sua prática: partindo do caráter relacional dos cipós (e de outras formas de vida) em meio à mata, o artista se desfez da pretensão de conceber seu trabalho como um gesto artístico inaugural, preferindo integrá-lo à continuidade de movimentos e fluxos anteriores à sua própria existência. Mais do que criar, o trabalho de Advânio consiste em tramar as energias às quais suas obras estão ético-esteticamente implicadas e às quais ‘serve’ a partir de sua posição de artista.

Se, de um lado, o “serviço” de Advânio politiza a dimensão de trabalho que é inerente à prática artística, por outro, o seu “servir” inscreve a arte como modo de enunciação e visibilização de forças comumente entendidas como espiritualidades ou religiosidades por sua vocação à religação com o mistério.

— Clarissa Diniz, 2025

Curadora do estande Marco Zero na SP-Arte



Sem título, 2025

raízes, madeira, cipó e serragem

400 x 360 x 350 cm

GMZ.1489



Vista da exposição *Histórias da Ecologia*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), 2025







Vista da exposição *Histórias da Ecologia*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), 2025



Sem título, da série Nascimento, 2010-2015
cera de carnaúba sobre raízes, madeira e cipó
173 x 77 x 39 cm
GMZ.0607





Sem título, da série Nascimento, 2010-2015

raízes, madeira, cipó e serragem

240 x 85 x 36 cm

GMZ.2852





Cosmo/Chão é o combate na terra e a tensão nos contornos do céu. É o arco, a equivalência e o reflexo de uma coisa na outra. É o que está embaixo, assim como o que está em cima. É o firmamento, o solo, os círculos e os fios de ligação.

Pensada a partir do diálogo entre a obra de Francisco Brennand e as de outros artistas, a exposição faz uma costura de dois fundamentos de seu trabalho. O primeiro é a prática escultórica no campo expandido — que não se limita às figuras contidas em pedestais e nem mesmo à objetualidade. O segundo é o conceito de território, levando em conta dinâmicas que agregam e organizam a vivência geográfica, bem como vínculos sociais e espirituais que vão além do terreno e atravessam diferentes dimensões.

A prática da escultura historicamente ligada às tradições clássicas e suas concepções de forma, espaço e monumentalidade, tem sido repensada e ampliada em sua definição e seu escopo de atuação, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Das figuras cotidianas e formas espirituais de inúmeras culturas milenares até as estátuas de mármore e bronze da Antiguidade Greco-Romana, a escultura sempre foi uma ferramenta de mediação entre o tangível e o imaginado. Entretanto, no rasgo aberto pela Modernidade, e em especial nas revisões críticas e experimentais feitas pelas práticas contemporâneas, sua função e materialidade passaram por rupturas profundas. Movimentos artísticos começaram a interrogar os limites do objeto, transcendendo o corpo físico em direção a um campo no qual a escultura dialoga com o tempo, o entrelaçando ao corpo do espectador. Essa redefinição envolve, ainda, novos entendimentos sobre as práticas ancestrais, em que o fazer escultórico emerge como um processo simbólico e também utilitário, vinculado tanto ao cotidiano quanto às forças invisíveis do mundo. Hoje, a escultura pode ser vista como uma forma de pensamento, uma estrutura que incorpora conceitos, narrativas, rituais e relações e desafia os limites tradicionais da arte, propondo novas formas de ser e estar no mundo.

A ideia de território, compreendida de modo mais restrito como uma delimitação geopolítica, é também uma construção cultural. O território é, portanto, onde se desenvolvem os modos de vida, as formas de organização coletiva, os laços com a natureza e a espiritualidade. Um circuito de forças que age nos níveis do imaginário e do transcendental, configurando-se não apenas pela ocupação física, mas por energias ancestrais e sistemas simbólicos. Um lugar de partilha em que diferentes potencialidades e disputas narrativas se encontram e se reconfiguram. Desse modo, o território não deve ser entendido apenas como o solo sobre o qual se pisa, e sim como o espaço que aterra identidades, afetos, sonhos e projetos comuns. As coreografias comunitárias que nele se manifestam são moldadas por experiências de imaginação, conectando o tangível ao intangível, o presente ao passado e ao futuro, a terra aos cosmos.

Nesse enlace, o projeto reúne artistas de diversos contextos, técnicas e poéticas para abordar a escultura como exercício de conexão territorial. A prática escultórica surge, portanto, para falar não só do corpo material, físico, mas também dele como significante identitário, em suas dimensões espaciais ou etéreas. Assim, podemos pensar em pelo menos três chaves de compreensão — que muitas vezes se justapõem — para nos aproximar das obras reunidas. Há as práticas coletivas, permeadas por trabalhos intrínsecos às comunidades e aos grupos em que são feitos. Essas obras são resultados e condutas das tradições e saberes compartilhados, sobretudo pensando a escultura como agenciamento de processos e autorias não individuais. Depois, as práticas contextuais, que estão implicadas com os lugares, suas histórias, culturas e materialidades, e que elaboram a realidade refletindo ou agindo diretamente no meio em que estão inseridas. E, por fim, emergem as práticas fabulares, das quais se originam obras que incorporam ou representam ideias, visões e imaginações de mundos, e nas quais o potencial narrativo da escultura é acionado para ficcionalizar, dar sentido e materializar outros espaços e histórias.

Cosmo/Chão cria uma ideia — tão definida quanto aberta — para evocar os mistérios do solo que conecta os seres e que confere a eles pertencimento, para falar dos emaranhados da arena relacional, e para aspirar ao que transcende o plano físico, abraçando o imaterial. **Cosmo/Chão** é a ideia que desce para tomar forma terrena, e é o chão que sobe, ganhando corpo. É o infinito num punhado de terra. É a incorporação do todo em um contorno.

Germano Dushá e Gleyce Kelly Heitor

MANTENEDOR: PATROCÍNIO: APOIO: REALIZAÇÃO:

“Cosmo/Chão”

Vista da exposição Cosmo/Chão, Oficina Francisco Brennand, Recife, 2025



Advânio Lessa, 2024

ADVÂNIO LESSA

Lavras Novas, MG, 1981

Vive e trabalha em Lavras Novas, Brasil

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS SELECIONADAS

2024 —————

O veio das coisas, Pierro Atchugarry Gallery, Garzón, Uruguai

Redemoinho não leva pilão, Gomide&Co, São Paulo, Brasil

2023 —————

Se quiser saber do fim, preste atenção no começo, IA - Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto e Museu da Inconfidência, Ouro Preto, Brasil

2015 —————

Embrião, Turbulência e Nascimento – Projeto Arte Minas: continuação inventada, Grande Galeria Alberto da Veiga Guignard do Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil

2008 —————

Mergulho, Galeria Clélia Valadares, Belo Horizonte, Brasil
Advânio Lessa, Tribunal de Justiça da Assembleia Legislativa e Galeria de Arte Tuto, Belo Horizonte, Brasil

2000 —————

Advânio Lessa, Espaço Cultural CEFET – Ouro Preto, Ouro Preto, Brasil

EXPOSIÇÕES COLETIVAS SELECIONADAS

2026 —————

Affirmation Room, Mendes Wood DM, Nova York, EUA

2025 —————

Histórias da Ecologia, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - MASP, São Paulo, Brasil

Afro-brasilidade, uma homenagem a dois Valentins e a um Emanuel, FGV - Arte, Rio de Janeiro, Brasil

Em busca do tempo roubado, Flexa Galeria, Rio de Janeiro, Brasil

O ouro e a madeira, Quadra, São Paulo, Brasil

38° Panorama da Arte Brasileira: Mil graus, Sesc

Campinas, Campinas, Brasil

2024 —————

A forma do fim: esculturas no acervo da Pinacoteca, Pinacoteca de São Paulo, São Paulo, Brasil

Cosmo/Chão, Oficina Francisco

38° Panorama da Arte Brasileira: Mil graus, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM-SP, São Paulo, Brasil

O Diálogo Criativo das Materialidades, Magalhães

Gouvêa Escritório de Arte, São Paulo, Brasil

Vai Vai Saudade: notes on Brazil, Madre Museo d'arte

contemporanea Donnaregina, Nápoles, Itália

2013 —————

A Nova Mão Afro Brasileira, Museu Afro Brasil, São Paulo, Brasil

Graphos: Brasil Hoje, Galeria Graphos Brasil,

Rio de Janeiro, Brasil

2010 —————

Encontros e mestiçagens culturais, Galeria da FIEMG (Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais),

Ouro Preto, Brasil

PRÊMIOS

2023 —————

Medalha da Inconfidência, Prefeitura de Ouro Preto, Ouro Preto, Brasil

2022

Projeto Raiz, do IA - Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto, Ouro Preto, Brasil

COLEÇÕES

Pinacoteca de São Paulo, São Paulo, Brasil

Coleção Bernardo Paz, Brumadinho, Brasil



galeria
■ marco ■
zero